

Uma experiência anarquista no Brasil

Leandro Konder lembra o centenário da Colônia Cecília formada por um grupo de pessoas que viviam da solidariedade recíproca e na autogestão

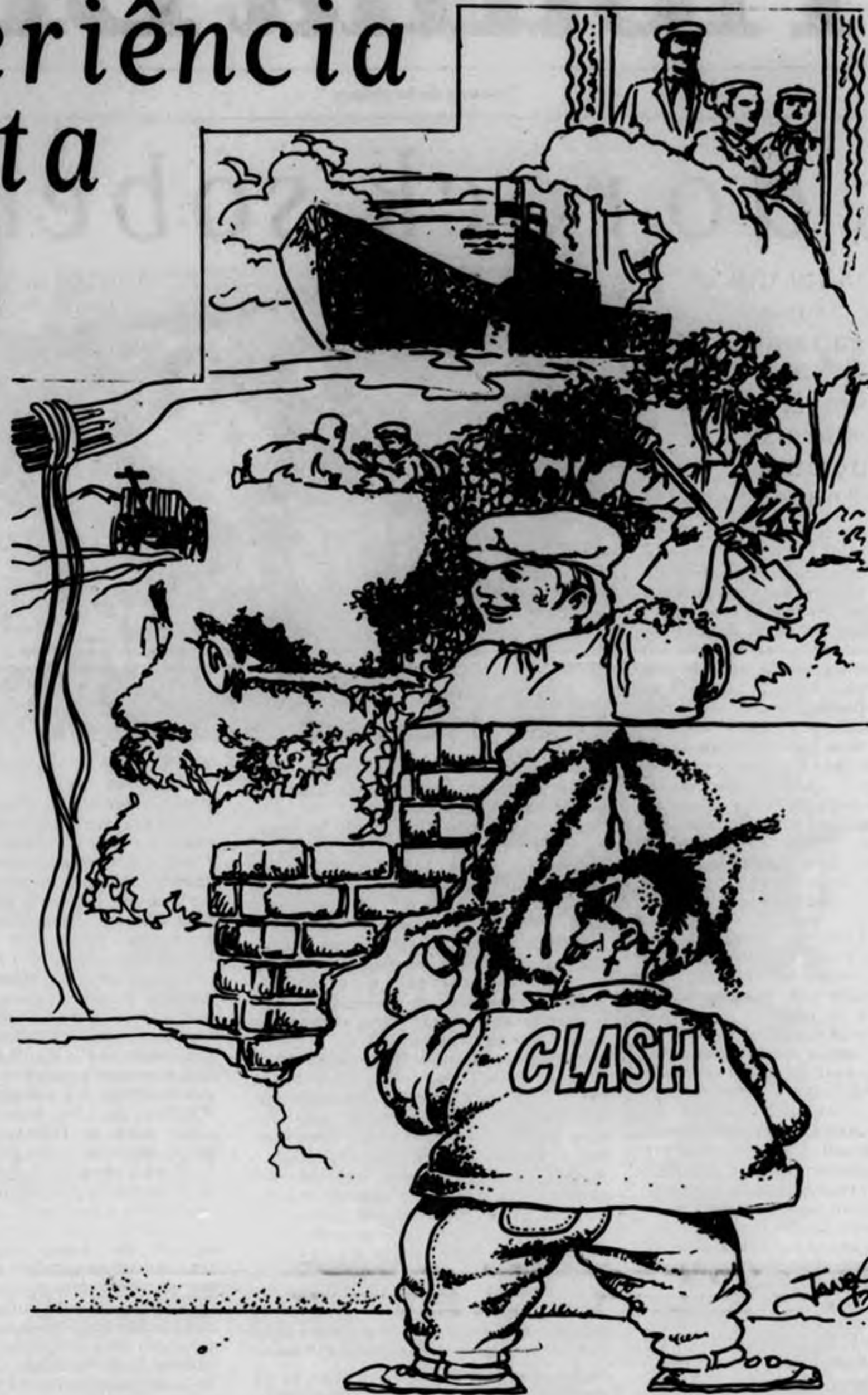
Há um século, um grupo de italianos se instalou perto de Palmeiras, no Estado do Paraná. O líder deles era o músico e agrônomo Giovanni Rossi, que - inspirado nos ideais do anarquismo - estava dando início a uma fascinante experiência: a da criação de uma "colônia" ácrata no Brasil, baseada no trabalho livre e voluntário, bem como numa sólida consciência dos valores comunitários, na solidariedade espontânea entre seus membros e na autogestão.

A colônia nasceu do sonho de Giovanni Rossi e veio a se chamar Colônia Cecília. Sobre ela, a TV Bandeirantes fez, recentemente, uma série que foi ao ar com certo êxito. O escritor paulista Afonso Schmidt abordou a experiência histórica da Colônia Cecília numa narrativa romancada que a Editora Brasiliense publicou. E em 1970 o historiador Newton Stadler de Souza lançou um estudo extremamente esclarecedor a respeito desse episódio pouco conhecido da história do Brasil: "O anarquismo da Colônia Cecília" (Editora Civilização Brasileira).

Quando esteve na Itália, em 1888, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, ouviu seu ilustre compatriota Carlos Gomes falar do jovem italiano Giovanni Rossi. Só não foi possível promover o encontro porque o imperador adoeceu, em Milão. Em seu retorno ao Brasil, entretanto, Dom Pedro II leu um texto de Rossi e lhe escreveu uma carta, oferecendo-lhe terra para tentar realizar uma experiência anarquista no Paraná.

Rossi aceitou, com entusiasmo, o oferecimento. Arregimentou gente, pegou um navio e veio para o Brasil. Entre o convite e a viagem, entretanto, aconteceu algo que não tinha sido previsto: a proclamação da República e a deposição do imperador. E os imigrantes anarquistas enfrentaram problemas com os quais não contavam: as terras que lhes haviam sido prometidas não estavam bem delimitadas e Dom Pedro II não estava mais em condições de ajudá-los a definir seus limites.

Outra surpresa desagradável aconteceu dois meses após a chegada deles; foram intimados a comparecer à



cidadezinha de Palmeira e ficarem sabendo que a legislação do Império, favorável aos colonos, tinha sido revogada, de modo que segundo a nova legislação republicana os colonos deveriam pagar pelas terras ocupadas ao Estado do Paraná. Os integrantes da Colônia Cecília realizaram uma assembléia bastante tumultuada e, após algumas intervenções extremamente apaixonadas, resolveram que, se suas colheitas lhes permitissem, fariam o pagamento exigido. Caso contrário, abandonariam as terras.

Isso tudo aconteceu exatamente há cem anos, em 1890. Os imigrantes italianos se puseram a trabalhar com afinco. Não tinham chefes; decidiam tudo em assembléia. Não admitiam que alguém explorasse o trabalho alheio. Dispensavam leis fixas; adotavam as normas que a comunidade estabelecia e que a própria comunidade podia sempre modificar. O excedente obtido na produção era vendido em Palmeira e o dinheiro era guardado, porém permanecia à disposição de qualquer pessoa que necessitasse dele.

A experiência chegou a mobilizar cerca de trezentas pessoas. Os colonos enfrentavam as dificuldades com muita garra, dando duro na lavoura, discutindo ruidosamente, no estilo veemente que trouxeram da Itália. Pregavam, em teoria, o amor livre; porém respeitavam os compromissos do casamento e não admitiam nenhuma promiscuidade, para que a reputação da Colônia não ficasse prejudicada.

Aos poucos, entretanto, o empreendimento começou a declinar. Alguns não se adaptaram ao trabalho agrícola, foram embora. Uma epidemia de crupe causou uma devastação na comunidade (matou duas filhas do idealizador da Colônia Cecília, Giovanni Rossi).

Imigrantes poloneses instalados nas vizinhanças se sentiam incomodados com o barulho dos italianos. Como eram católicos conservadores, os poloneses passaram a hostilizar os anarquistas. Corriam, na região, histórias pitorescas ou escabrosas a respeito de uma presumida licenciosidade, que existiria na vida privada dos "ácratas". Dizia-se que eles tinham contratado uma prostituta para atender às necessidades sexuais dos jovens. A fantasia dos "reprimidos" exercia os "monstros" que a fascinam projetando suas imagens na realidade dos "liberados".

Contava-se, também, que um ladrão, perseguido pela polícia, tinha sido acolhido pelos anarquistas, que o integraram à colônia, convencidos de que o reeducariam pelo exemplo. E o gatuno, aproveitando a ingenuidade de seus protetores, teria esvaziado o cofre da comunidade e, em seguida, teria desaparecido no mundo.

O que se sabe, de fato, não é bem isso. Quem esteve mesmo na Colônia Cecília e foi acolhido pelos anarquistas, que lhe deram guarda por um dia, foi o político paranaense Emílio Sigwalt. Quando as tropas legalistas chegaram, à sua procura, ele já tinha saído. E Giovanni Rossi e seus amigos se recusaram a dar informações à autoridade, solidários com o perseguido.

O incidente teve consequências sérias, que apressaram o fim da colônia. Os soldados inutilizaram o moinho de fubá, jogaram o milho estocado no rio, confiscaram os animais, as sementes, as mudas e até os instrumentos de trabalho dos "ácratas".

Nos primeiros meses de 1894, a Colônia Cecília deixou de existir. Rossi poderia ter dito, se antecipando a John Lennon: "o sonho acabou". Mas o fato de tal sonho ter sido sonhado acrescentou uma dinâmica nova, irreversível, à história das lutas pela liberdade no Brasil. O próprio Rossi continuou a difundir suas idéias no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em São Paulo. E Gigi Damiani, seu amigo, veio a tornar-se um dos campeões da pregação do "socialismo libertário" no nosso país.

Da tela grande para a vitrola

Gravadoras lançam as trilhas sonoras de "Bagdad Cafe", "Uma linda mulher" e "Dick Tracy"

Heltor Pitombo

Quando o filme "Bagdad Cafe" ainda era conhecido como "Out of Rosenheim" - na época em que papou o Tucano de Ouro do Festival de 1985 -, muita gente pensou que ele iria logo entrar em cartaz no circuito carioca. Os cineófilos tiveram que aguardar quase dois anos para poder rever a trama que juntava duas pessoas tão diferentes como Jasmim Munchgottner (Marianne Sägebrecht) e Brenda (CCH Pounder). Mas o que deixou saudades, em muitos espectadores foi um insinuante canção que não saía da memória. Mesmo depois que "Bagdad Cafe" entrou no circuito, grande parte das platéias ficava frustrada por não poder chegar em casa e colocar "Calling you" na vitrola.

sica incidentais, como "Blues harp" e "Calliope", o destaque fica para a alegre - transposta para o vinil com a platéia aplaudindo como no filme - "Brenda Brenda", que é interpretada pela própria Marianne Sägebrecht, Jeanyln Steele-Battle e Tommy Joe White. Mas o que diferencia esta de outras trilhas sonoras é a excelente idéia que foi posta em prática no lado 2. Tal qual um contador de fábulas infantis, nele e próprio Percy Adlon narra a história de seus filmes, com as mesmas canções do lado 1 editadas com vinhetas, e fazendo pano de fundo. Um estalo de lucidez.

Apenas uma coletânea

Enquanto a trilha de "Bagdad Cafe" esbanja lucidez, a de "Uma linda mulher" (Pretty Woman), não escapa do convencional. São 11 canções gravadas por artistas vinculados à mesma MI que lançou o disco. É claro que num trabalho com um certo quê de oportunismo existem coisas que se salvam e outras absolutamente reprováveis. O roteiro de longa, que conta a história de uma prostituta (Julia Roberts) que subiu na vida com a ajuda de um certo Richard Gere, deve abarcar bem canções lamentáveis como "Wild women do" (com a otiosa mutante Natalie Cole) e "Tangled" (com a ex-GoGo's Jane Wiedlin). Mas também não chagam a agradar "King of wishful thinking (Go West)", "It must have been love" (Roxette) e "Real wild child" (Christopher Otcasek).

Agora isso já é possível, pois a trilha sonora do filme alemão está à venda. É difícil acreditar que a canção citada foi a estréia de Jovetta Steele como cantora. Tanta maturidade precoce na intérprete escolhida rendeu ao compositor Bob Telson uma indicação para o Oscar de melhor música tema em 1988. NO elepê, o próprio autor dá a sua versão para a mesma. Mas, musicalmente, "Bagdad Cafe" não fica só em "Calling you". O "Prelúdio em Dó Maior de cravo bom tempo", de J. S. Bach (interpretado pelo pianista Darron Flagg) aparece lado a lado com "Zwei-fach", um tema tradicional da Bavária.

O resto do material é composto pelo mesmo Telson. Entre mû-

O joio do trigo fica basicamente com a turma de mais idade. A remixada "Fame 90" é a mesma que pode ser ouvida na coletânea "Changesbowie", que reúne os maiores sucessos de David, com a ajuda inestimável de John Lennon tanto na composição como na gravação. Para quem gosta, o Red Hot Chili Peppers comparece com "Show me your soul", que tem a participação especial do veterano Billy Preston no piano. "No explanation" mostra que, felizmente, Peter Dinklage não cresceu. Continua fazendo coisas iguais às que compunha para seu antigo grupo, o Chicago. Enquanto o bom e velho Roy Orbison é lembrado com a homônima "Oh pretty woman", uma boa novidade aparece com a voz de Lauren Wood em "Fallen". Mas no câmpulo geral, esperamos que o filme seja bem melhor do que a trilha sonora.

O swing está de volta

Oportunismo não é sinônimo de falta de qualidade. A enorme massificação que se fez em cima de "Dick Tracy" interferiu muito pouco no nível das trilhas sonoras lançadas até agora. O elepê "I'm breathless", de Madonna, reúne algum material próprio com as canções que ela canta no filme; mas o novo álbum (intitulado simplesmente "Dick Tracy" - Selections from the film) teve quase todo o seu material aproveitado por Warren Beatty. Na verdade, o produtor Seymour Stein procurou e produtor/compositor/músico Andy Paley (Patti Smith, Jonathan Richman, Brian Wilson, Ramones, Roy Buchanan), e o incumbiu de compor canções que lembrassem o clima dos anos 30. Andy não conseguiu nem comparecer às sessões de filmagem de "Dick Tracy" para chegar até um resultado mais do que adequado. Ele apenas se juntou a amigos como Jeff Lass, Mike Kernan, Bill Elliot, Ned

Clafin e seu irmão Jonathan para conceber os temas.

Alguns deles agradaram tanto que a própria Madonna tratou de incluí-los em "I'm breathless" (são eles: "I'm going bananas" e "I'm following you"). O resto foi aproveitado de um jeito maestro por Paley. Tanto o foi que o disco pode ser curtido dissociado do filme com a maior facilidade. O produtor chamou artistas de todas as tendências para se unirem em torno de um estilo predominante: o swing. Al Jarreau fica muito à vontade em "Rompin' & stompin'", e o rapper Ice-T cria climas muito estranhos e interessantes na canção "Dick Tracy". Ofr Haza e Duncan Dhu, no entanto, colaboram com "Herida de miel", que lembra os mariachis. Em se tratando de casos isolados, o Les Negresses Verdes vem com a saísa "Mama mia".

Mas essas são algumas das poucas exceções à regra. O tempero jazzístico da White Swing Heat Orchestra não deixa a pertence pender muito para outro estilo. A maioria dos intérpretes contribui muito para isso. E o caso de Brenda Lee em "You're in the doghouse now", Tommy Page na deliciosa "Blue nights" e August Darnell em "Wicked woman, foolish man". Mas o que surpreende o ouvinte é o fato de que cantores que viviam calcados em outros motiers são capazes de incorporar o swing como se tivessem nascido para tal. Patti Austin, por exemplo, nem parece a mesma em "The confidence man". O xaroposo duo pop Erasmo interrompe sua concorrida turnê para registrar a agradável "Looking glass sea".

O versátil grupo vocal Take 6 acompanha o cantor K.D. Lang e imita o barulho de um apito de trem em "Ridin' the rails". O roqueiro Jerry Lee Lewis também se acaba em "It was the whiskey talkin'", onde brilha o seu famoso piano.